

DIA MUNDIAL DA POESIA

POESIA NA GARGANTA

VOLUME II

Março 2020



CÂMARA MUNICIPAL
PAREDES

Índice por autor

Aires Montenegro	3
Donzília Martins	4, 5, 6
Gaspar Torrão	7, 8
Miguel Gomes	9, 10
Nuno F. Silva	11
Olívia Clara Pena	12
Sílvio Manuel Silva	13
Vítor Hugo Moreira	14
Zeferino Silva	15, 16

Neófito
(para o meu cão)

Quando plantei a tília e o carvalho
estavas ao meu lado
e as tuas unhas,
seixos recurvos afiados,
ajudaram-me a rasgar a terra.

Fui depois à adega
e enchi três copos de vinho novo.

Reguei com o primeiro a terra acabada de rasgar.

Bebi o segundo à saúde do vigor futuro dessas árvores.

Despejei o último sobre o teu dorso como quem baptiza uma criança.

Aires Montenegro, 2020

Ser Flor

Ninguém me disse que era fácil ser flor!
Sei que antes de todas as coisas eu já existia
No coração das divindades.
Minhas corolas de cor me deitavam em seu colo pelas tardes
Desfrutando meu odor!
Noiva, pétala de seda, ou de cetim colorida
Desfolhavam pelos dedos,
Me contavam seus segredos
Em badaladas de amor!
E eu era a própria vida.
4 | Vestiram-me de mil cores: purpura, sangue, céu, mar, lume...
Encantamento, deslumbre, magia, fada e perfume,
Flauta Mágica de Mozart, a suprema arte estendida pelos prados
Enleio de mil paixões no peito dos namorados.
Mas minha beleza um dia perdeu a cor e magia
E meu aroma perdi!...
Veio a chuva miudinha, a primavera secou, o sol forte me queimou,
No chão volvida de vi...
Ó beleza duma flor! Ó doce e suprema dor, não tenham pena de mim!
Fui bela, vivi de amor, mas tudo tem o seu fim.

Donzília Martins, março 2020

Camélias

Tão róseas tão diversas
Por tantos jardins dispersas
A colorir nosso olhar.
São mil bênçãos de canduras
São as rainhas mais puras
Desfolhadas no altar.

Flor primeira do inverno
A dizer que o Deus eterno
Jamais se esquece de nós.
Desfloram devagarinho
Caem no chão de mansinho
O seu colírio tem voz.

Todo o jardim tem mais cor
Pétalas de sol, luz e amor
De Ravel (Bolero) uma canção!
Dos jardins do paraíso
Descem e o seu abraço e sorriso
São beijos no coração.

Donzília Martins, março 2020

Festa da Flor

Hoje chega a primavera
Cheia de luz e de cor!
Ó Deus chegasse, quem dera
Aos homens a paz e o amor.

Se abrisse a rósea esperança
Se colorissem de luz
As almas com confiança
Levassem com fé a cruz.

6 | Que as camélias floridas
Espalhassem nos jardins
Os sonhos das nossas vidas
Perfumando ãos e sins.

Que o arco-íris de cor
Coroasse o azul do céu
E toda a festa da flor
Apagasse o escuro breu.

Que os homens dessem a mão
Renegando qualquer ódio
E a sua doce oração
Elevasse este equinócio.

Chá de flor! Como encanta!
Sabor dos anjos no ar!
Poesia na garganta
Dá mais brilho ao nosso olhar.

Camélias: rosas, vermelhas,
Branças da cor da pureza!
Acendem em nós centelhas
Cítara de anjo em beleza.

Cantai todos neste dia
À primavera em flor
Um poema de alegria
Pintado com muito amor.

Donzília Martins, 21 de março 2020

Caídas de volta

No chão
amolecendo a sombra
as pétalas despem de cor
Morrem sem destino
inúteis depois de belas.
O seu orvalho faz evaporar o dia
pelos olhos brilhantes
voltam a subir após a gravidade
As dores das memórias plantadas
já com raízes noutras histórias
vão invertendo o tempo passado
o tempo da sua beleza

Gaspar Torrão, 2020

| 7

Deveras

Primorosa nas suas cores
e revitalizada pelos solstícios
graças aos fluxos devidos
num luxo floreal
Imprime a verdadeira vida
ávida do ar essencial
depurada por humildade
e pelas mágoas profundas
A saudade cujo a raiz procura
é mineral até na seiva
de paciência brutal
e brilho iludente

Gaspar Torrão, 2020

Cameleónica

Além dos seus floridos
e das sombras dos seus odores
podres ou podores
a perfeição do seu coração é simétrica
ou mimética.

O seu pigmento ilusório
é uma arte volúvel,
cor símile dos lambidos.

O seu tronco mórfico,
sedutor, ornamental,
descasca petarolas
autênticas e oblíquas
prímulas matizadas,
avivadas pelo amantismo.

8|

Gaspar Torrão, 2020

Quimera

Falaste na Primavera.

Para mim bastou-me, foi como se a própria palavra te sobrasse pelos ramos e tu mesma florisses.

Aliás, sempre te vi em flor.

Renascida a cada cinza atçada, não como fénix, mas como uma companhia solitária há muito desejada.

A estrada caminhou ao meu lado, conta-me histórias de várias léguas, medidas distantes para chegar a quem nos quer hoje como antes.

E não falo.

Basta-me ouvir-me e desabafar com o vento, esse, de repente, sem se mostrar interessado, começa a soprar quando paro de falar, apenas como quem me diz, vá, continua, estava a ouvir.

Tem uns trejeitos de adulto criança, fingindo ouvir quem de si se fala, mesmo quando aborrecido desata a brincar a meus pés, mesmo que isso represente levantar areia e pó para os olhos, trazer consigo gotículas de um mar que ribomba ali, ao fundo, embrulhado com a praia, ali, ao fundo, nas mãos petizes da menina que segura a sua saia.

Faltarão menos de quarenta passos, uns quantos sacrifícios agarrados aos braços, para se erguer no monte aquela que te fará ao nome, chamar-lhe-iam cruz, mas tu de baptismo nasceste apenas Jesus e eu, de metáfora baptizado, primeiro e último nome da parábola, finjo que não te ouço quando sobre mim paira o fino fio do aço da espada.

Sim, parece-me que sem nós somos mesmo nada.

Já o vento se espreguiça, adivinho-o entediado, ouviu-me falar dos passos e das passadas e conhecendo os meus passados, sabe que o primeiro movimento que farei será permanecer no mesmo local, imóvel, a aguardar que as estrelas se conjuguem, logo a seguir às vogais, da mesma forma que estavam quando olhei para cima e vi, claramente, outro eu que para mim olhava.

Não, parece-me que sem mim não sou mesmo nada.

Se o vento empurra para barlavento estradas que nunca percorrerei, sobejam-me todos os volumes que cubiquei, terra sobre mim que jorrei, para continuar no defeso da imaginação e ver surgir um confuso Alma Grande que traz Garrincha pela mão.

Saído do ventre que me pariu, aterro neste corpo que nunca minh'alma viu, excepto pelos desacordos e pelas peregrinações que faço entre versos ou, então, pelos

universos, todos eles feito de olhos acessos que é como quem se vê pela primeira vez visto.

Ah, agora sim, eu sem mim sou isto!

Desajeitadamente arranjo o colarinho e dou uns passos a olhar os pés, enquanto o piso de madeira não me faltar sei que em ti está quem és, mas mesmo que me saiba de papel feito, não como avião ou barco, mas como textura e secura de palavras e vidas, as mesmas que mencionei não serem partidas, esta respiração arritmada que me escreve entre a parede e a espada.

Canso-me um pouco da procura, a miragem que a tua ausência tem está em cada olhar mais profundo que escavo, encontro um ou outro sonho escravo, sei que me dizem não ter eu cura, pouco me interessa tal agrura, se me encontram doente, que farão quando virem que é na ausência de tempo que tudo perdura?

Hoje não, que me cansa a noite e não sou de alterar discursos, mas um dia, lá para meados de mim, irei acordar o corpo a cada manhã e esquecido que sou dos sonhos que prometo, irei ver-me pelos meus olhos, segurando o espelho retrovisor entre os dedos, ah eu não sou cá de medos, tão pouco segredos, e alcançarei aquele pulsar longínquo que me faz alimentar o mundo porque as palavras têm pouso, mas quem escreve sonha voltar novamente vagabundo.

10 |

Distraio-me nas cores da poesia, ainda que em prosa, tu abres-me o vidro e entra por mim o cheiro de ti e de maresia, falas-me nas cores do arco-íris que viste numa rosa. Senti o que faria?

Já tinha esquecido que tinhas me falado da Primavera...

Sorris. Sorrio. Sem nós a nossa vida era uma quimera.

Miguel Gomes

Publicado originalmente na revista online Bird Magazine, em 2015

Hoje
se abrir o livro
já não sei
em que capítulo
a noite se desmantela.

Quando começa
a pesar uma pálpebra,
depois a outra.

As camélias continuam
a sua missão de abertura
enquanto eu durmo.

| 11

Nuno F. Silva, 2020

É no burburinho dos juncos
E no silêncio das papoilas
Que soletro o teu nome.

É na secura do estio
E no fulgor da primavera
Que me afagas sonhos breves.

É na alquimia dourada,
De um manso entardecer,
Que solto velhos escolhos.

Tu que és virginal semente
Em prados inóspitos varridos pelo inferno.

12 | Tu que és leveza
No caminho frio que esmaga os ossos.

Tu que és fértil seara,
Carnudo fruto,
Fecundo pão.

E,
Sem ti,
E,
sem retorno,
O vento da serrania sussurra-me o teu amor,
Tão simples,
Tão leve,
Como o fluído que me corre nas veias.

Olívia Clara Pena
Colectânea de poesia "Poem'Art"

amo-te primavera

quando a torre da igreja
abre as portas à madrugada,
coloco o cansaço na cama.
mas no território do sonho,
sou um pássaro que voa pelo mundo,
sou uma borboleta que beija a primavera.
então, faço do meu peito a
força das flores,
faço das minhas palavras a
voz da guitarra, que aplaude o
histerismo das crianças,
os sorrisos dos homens
e o perfume da cidade,
faço das minhas palavras a
cor da alvorada.
quando a torre da igreja
me obriga a acordar,
coloco o corpo na rua.
mas o frio é uma agulha
que me incentiva a morrer.

| 13

Sílvia Manuel Silva, 2020

14 | Por quem choram os meus pés agora, os caminhos que os olhos percorrem nesta cidade de gente que tomam atenção a lilases presos nos jardins dos dedos. Há uma mão claustrofóbica por dentro dos bolsos, o tilintar dos silêncios que resgatam a extinção da mão por dentro do poema. Quanto tempo demoramos a regressar a casa? À casa interna, o tocar da pele dentro da porta aberta para o mundo. segurar os olhos com os outros olhos e admirar o abismo do amor. Há demasiadas religiões nas saudades quando choramos por um amor que parte para outra terra. Sem saber se regressa. Há demasiada forme de amor nos olhos das crianças que adormecem com o corpo sobre a janela segurando as estrelas. Há demasiada solidão para quem apanha insistentemente o autocarro das madrugadas na angústia de se encontrar no outro lado da paragem Olhos planaltos de verdes esperanças na madurez dos desejos. Na outra noite toquei os seios, amamentando a loucura do sexo, jorrando pétalas onde abelhas de dedos poisavam na maciez da pele, terra semeada de suor e colheitas de orgasmos. nas manhãs novas em que os pássaros regressam às ombreiras das casas, alvorecendo os olhares internos. Saboreamos no céu da boca a metáfora do verbo compreendido amar. E cidade cortando o castanho dos olhos, a poeira da terra que se ergue, o ar que se adensa, arfante por dentro dos pulmões dos nomes. Os frutos sanguíneos que se sumarentam na pronúncia dos convites grávidos das luas por dentro das memórias, um naufrágio de lugares onde as palavras se espantam com o brilho do toque e das madrugadas íntimas com que percorremos as cores das noites e as paisagens avassaladoras dos nossos olhos por dentro da cidade.

Vítor Hugo Moreira, 2020

Cântico antigo

Tem coisas estranhas o quintal da minha amada.
Ontem à noite, dormia. Esquisito.
E delicado.
De manhã, viam-se margaças, verdes flores brancas amarelas.
Alegres. E algumas lágrimas.
É estranho o quintal da minha amada.

No tempo bom, todas as coisas parecem o dia a nascer.
E as coisas não são estranhas. Era estranho se fossem.
Também se não tivessem lágrimas. Algumas.

Mas a noite também é tempo bom. Como o nascer do Sol.
A noite não devia ser esquisita.
O Sol sabe da noite. Um sabe do outro. E é bom.

À noite, a gente começa a ler livros. E música. O que não é estranho.
Não devia ser estranho.
Mas é estranho o quintal da minha amada. E lê e sabe cantar.
Deve ter os olhos postos no chão. Esquecido do céu e das nuvens que distribuem a luz como lhes apraz.
Como livros.
Há pessoas assim.

O tempo incerto vê-se logo que o dia começa.
Olham-se as margaças. As cores que trazem.

Quando as horas nos levantam os olhos, perdemo-nos a mirar o céu,
e o chão não é estranho. Não notamos. Pode ser estranho.

Zeferino Silva, 2020

A pétala azul soltou-se no vento
voou foi voando aos círculos aos círculos
a andorinha bicou-a.

Os quintais cantam
os pardais já não vêm às migalhas
ganham as árvores com as cores das penas

16 |

Tens riso de glicínia logo de manhã. Glicínia e orvalho.
E tu és um vidoeiro.
Vamos fazer de conta: trazias as flores para os meus ramos
e éramos a mesma coisa criança e água.

Éramos do mesmo cheiro.

Zeferino Silva, 2020

